

## RESENHA

# UMA CULTURA POLÍTICA DE PROTESTO RESSURGIDA

*Felipe Canova GONÇALVES*<sup>64</sup>

## **Resenha do Documentário “Ressurgentes – Um filme de ação direta”**

O longa-metragem “Ressurgentes – Um filme de ação direta”<sup>65</sup>, da cineasta e professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Dácia Ibiapina, acompanha a trajetória de uma geração de militantes de movimentos sociais autônomos no Distrito Federal, entre os anos de 2005 e 2013. Com uma narrativa que coloca habilmente o espectador no cotidiano das ações desses movimentos, alternando gravações próprias com a recuperação do arquivo fílmico de vários realizadores audiovisuais e do Centro de Mídia Independente (CMI), o documentário sistematiza a memória recente de mobilizações populares na capital do país como o “Fora Arruda e Máfia”, que se tornou um elemento central para a queda do ex-governador José Roberto Arruda; “Santuário não se move”, contra a implantação do bairro Noroeste em um território indígena encravado no Plano Piloto; a “Marcha das Vadias”, uma das principais expressões da luta feminista contemporânea; e as ações do Movimento Passe Livre por um transporte público gratuito e de qualidade.

Ao centrar seu foco nas ações diretas, o filme traz à tona novas formas de fazer política (re)criadas por estes movimentos, que contrapõem formas tradicionais de mobilização social, por exemplo, as adotadas pelo movimento estudantil universitário ou aquelas enraizadas na lógica de atuação dos partidos políticos. Em outras palavras, durante o documentário assistimos ao *ressurgir* de uma cultura política de protesto nas ações dos jovens militantes.

---

<sup>64</sup> Mestre e doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), na linha de Políticas de Comunicação e Cultura. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Email: [canovagoncalves@gmail.com](mailto:canovagoncalves@gmail.com).

<sup>65</sup> Documentário de 75 minutos, exibido na Mostra de Cinema de Tiradentes e na Mostra do Filme Livre, de abrangência nacional. Também teve veiculação na televisão por assinatura, no Canal Brasil. O trailer e os teasers do filme estão disponíveis em <http://ressurgentes.com.br/>.

Entre estas novas formas de ação política apresentadas pelo documentário, emerge de forma evidente a importância da ocupação como núcleo de ação dos movimentos autônomos. Seja na mobilização em defesa de um território indígena, na tomada de um espaço institucional, como a Câmara Legislativa distrital, ou nas lutas travadas na rodoviária, ponto central do Plano Piloto, é assumida a necessidade de territorializar conflitos comumente invisibilizados e, por conseguinte, possibilitar estratégias que visem à resistência ou à superação de seus impasses. Além disso, como afirma um dos protagonistas do documentário, a ocupação reúne em um polo único quem “quer uma válvula de escape, quem quer um jeito de se expressar, de participar”.

A multiplicidade de pautas dos novos movimentos sociais é tratada no filme de forma encadeada e complementar. Um exemplo é a associação entre a corrupção governamental e a especulação imobiliária – recorrente no Distrito Federal – rapidamente percebida com a ligação entre os dois primeiros segmentos do documentário: enquanto os ocupantes da Câmara Legislativa clamavam pela queda do governo Arruda, os funcionários deste governo envolviam-se em negociações para a construção do bairro Noroeste, que implicariam na remoção dos indígenas ali estabelecidos sem garantia de direitos. Tal conexão das lutas acompanhadas pelo filme também tem o mérito de historicizar as ações do Movimento Passe Livre em Brasília e seus desdobramentos, em um processo que culmina nas mobilizações de junho de 2013, ponto final da obra.

O documentário reflete também, além das transformações na ação política incentivadas pelos movimentos retratados, sobre a própria ação de filmar. A enorme quantidade de câmeras e celulares dos manifestantes assume um caráter político, de prolongamento dos corpos em ação, tornando-se uma arma ou um escudo a depender do contexto de cada mobilização. As imagens de cineastas dos movimentos ou ligados a estes em momentos decisivos das mobilizações, selecionadas por uma pesquisa criteriosa e posteriormente montadas com um ritmo perspicaz, revela sem filtros as táticas de enfrentamento dos militantes, a brutalidade policial – como nos ataques dos PMs aos cinegrafistas ou nas investidas da cavalaria sobre ativistas indefesos –, o descontentamento popular com o transporte, as reações dos indígenas à perda de seu território e, especialmente, os diálogos travados no calor da luta – a maior parte deles com nítida ironia dos manifestantes aos representantes do poder.

Embora as imagens de ações diretas e mobilizações ocupem a maior parte da obra, a

cinemasta dá espaço para a reflexão dos militantes em entrevistas, que revelam contradições e diferentes perspectivas sobre sua ação política. Do ativista que considera sua geração invicta nas lutas que levou a cabo à jovem que pondera sobre a impossibilidade de barrar o aumento da tarifa de ônibus após meses de mobilização, surgem reflexões mais amplas sobre o conformismo dos jovens que não se envolvem nas mobilizações populares, a necessidade de desmontar o poder de Estado – não de tomá-lo –, a permanência dos conflitos mediados pelo capital nas relações sociais e a luta por direitos.

Ainda quanto ao uso de entrevistas nesse tipo de obra cinematográfica, em que a ação direta é o cerne da narrativa, cabe aqui a comparação com duas produções realizadas sobre as “Jornadas de Junho” de 2013: “Junho” de João Wainer, em produção da TV Folha, e “20 Centavos” de Tiago Tambelli. Enquanto o primeiro prioriza especialistas externos – em sua maior parte colunistas do próprio veículo – para decifrar os confusos dias de mobilizações nacionais diárias, o segundo opta pela ausência de entrevistas, salvo raros depoimentos colhidos no meio das manifestações. Dácia Ibiapina, por sua vez, cria um movimento de ação-reflexão ao possibilitar o distanciamento dos militantes da ação direta, o que permite a eles problematizar as causas pelas quais lutam, bem como seus impasses enquanto movimento social e os desafios colocados pelas próprias ações.

Como limites da obra, podemos destacar a ausência de duas questões chaves: a articulação dos movimentos sociais autônomos com outros movimentos e partidos políticos não é trabalhada no documentário, como também não se destaca a organização enquanto pilar de sua ação política. A ausência do tratamento da articulação entre várias expressões políticas torna-se visível logo no começo do filme, no segmento que mostra a luta pela queda do governo Arruda. Ali é percebida uma aglutinação de partidos e sindicatos de esquerda, em forte unidade na diversidade daquela ocupação, na qual o papel dos militantes autônomos é igual ao de lideranças vinculadas à chamada (muitas vezes pejorativamente) “esquerda institucional”. Essa articulação poderia ser discutida nas entrevistas, porém não aparece. Contraditoriamente, os próprios movimentos autônomos apontam para a necessidade de articulação com outros movimentos na Carta de Princípios do Movimento Passe Livre, por exemplo<sup>66</sup>.

O segundo limite está claro desde o título da obra, na opção de recorte proposto pela

---

<sup>66</sup> “Deve-se participar de espaços que possibilitem a articulação com outros movimentos, sempre analisando o que é possível fazer de acordo com a conjuntura local”. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>>. Acesso em 10 de abril de 2015.

cineasta: a ausência de um olhar mais detalhado sobre o processo organizativo desses movimentos. Apenas na “Marcha das Vadias” é documentada a preparação da mobilização. Se exposto, poderia ter como efeito a refutação de ideias banalizadas após junho de 2013, como a que afirma que as lutas dos novos movimentos sociais têm caráter espontâneo, ou mesmo a sobrevalorização da internet em seu papel mobilizador, que diminui, em alguma medida, a importância do trabalho de base cotidiano, da formação política e do impacto de uma capacidade de resistência e luta persistente, aberta à participação de novos sujeitos políticos. Vale ressaltar que ambos os filmes sobre as “Jornadas de Junho” acima mencionados padecem desses mesmos limites, o que não tira o mérito dessas obras, nem o de “Ressurgentes”.

Em síntese, o documentário de Dácia Ibiapina nos oferece a possibilidade de vivenciar o cotidiano de movimentos sociais contemporâneos que repensam integralmente a prática política da mobilização social, por meio de ideias como horizontalidade, autogestão e poder popular. Ao provocar nossa memória com seu mosaico sobre as lutas sociais dos últimos anos no DF, a cineasta nos leva a refletir sobre nosso papel enquanto sujeitos políticos nos dias de hoje, para além de polarizações muitas vezes superficiais e da nossa condição frequente de espectadores da disputa pela hegemonia política, social e cultural.